

# A CLASSE OPERÁRIA

ANO II

Rio de Janeiro, 25 de novembro de 1947

N.º 100

## AÇÃO DE MASSAS EM DEFESA DOS MANDATOS!

*Na luta contra os cassadores de mandatos estaremos defendendo a Constituição e preservando o nosso povo de dias mais negros*

Já está exaustivamente demonstrada a inconstitucionalidade do projeto do reacionário sr. Ivo de Aquino, visando cassar os mandatos dos representantes comunistas. Entretanto, nunca é demais salientar quais os pontos da Constituição que o referido projeto infringe diretamente, passando por cima da nossa Carta Magna, transformando-a num simples farrapo de papel.

**O DIREITO DE VOTO** — O voto, de acordo com a Constituição da República, é não somente um direito, mas uma obrigação para todos os brasileiros, sendo mesmo previstas penalidades para os que se absterem de votar. Foi no cumprimento desse direito e dessa obrigação para com a Pátria, que mais de meio milhão de brasileiros, representando justamente a parte da população que em nosso país mais sofre as condições de miséria em que nos encontramos hoje, levaram ao Parlamento, em todo o país, algumas dezenas de comunistas. Pelo projeto Ivo d'Aquino, o direito de voto dessa fração ponderável do nosso povo é desrespeitado e tornado nulo.

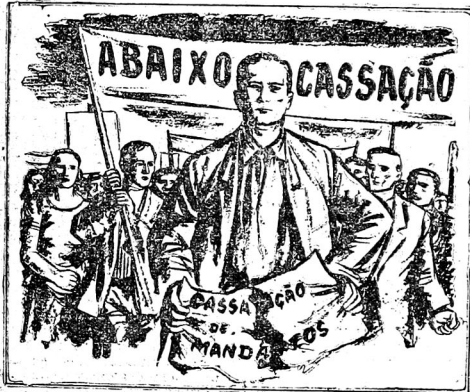
Diz porém o artigo 133 da Constituição:

«O alistamento e o voto são obrigatórios para todos os bra-

E que surjam novas formas de luta, cada vez mais altas e vigorosas, porque é resistindo que venceremos.

Contra a cassação dos mandatos dos representantes comunistas, em defesa da Constituição e da Democracia, do governo representativo e da dignidade do voto, unamo-nos para resistir, porque unidos e organizados venceremos!

(Luiz Carlos PRESTES)



sileiros de ambos os sexos...» E o parágrafo 8.º do artigo 141 é taxativo: «Por motivo de convicção religiosa, filosófica ou POLITICA, ninguém será privado de nenhum de seus direitos...»

**GARANTIA DOS DIREITOS POLITICOS** — Precisamente no parágrafo 8.º do artigo 141 da Constituição Federal estão assegurados todos os direitos políticos aos deputados, senador e demais representantes do povo eleitos pelo Partido Comunista. No caso mesmo da cassação dos mandatos, esses homens não perdem seus direitos políticos, pois podem continuar a votar e ser votados. Como, então, se admitir que tenham agora seus mandatos cassados?

A Constituição, em seu artigo 38, especifica as condições de elegibilidade para o Congresso Nacional:

- I — ser brasileiro (art. 129, números I e II);
- II — estar no exercício dos direitos políticos;
- III — ser maior de 21 anos

para a Câmara de Deputados e de 35 para o Senado Federal.

Como se vê, os direitos políticos permanecem assegurados aos representantes do povo, sem que a Constituição cogite se eles professam este ou aquele credo político, se são comunistas ou não.

**REPRESENTANTES DO POVO** — Os deputados e senador comunistas não representam apenas o partido que os indicou ao seu eleitorado, mas toda a Nação, o povo em geral, di-lo a própria Constituição, em seu preâmbulo, onde se lê:

«Nós, os representantes do povo brasileiro... decretamos e promulgamos a seguinte Constituição dos Estados Unidos do Brasil.»

A Constituição de 1946, como ninguém ignora, está assinada por Prestes e pelos deputados federais eleitos sob a legenda do Partido Comunista a 2 de dezembro de 1945. E' como «REPRESENTANTES DO POVO», e não apenas do Partido Comunista, que eles são reco-

nhecidos pela Constituição. Assim, o projeto de cassação dos mandatos não atinge somente os deputados e senador comunistas como tais, mas os representantes do povo brasileiro que eles são, e dos mais legítimos.

São os senadores e deputados tão representantes do povo que a Constituição, em seu artigo 38 estabelece que «o número de deputados será fixado por lei em proporção que não exceda um para cada cento e cinquenta mil habitantes até vinte deputados e além desse limite, um para cada duzentos e cinquenta mil habitantes», sem cogitar absolutamente se esses habitantes são desta ou daquela cor política, filosófica ou religiosa.

Diz ainda a Constituição, no seu artigo 1.º:

«Todo o Poder emana do povo e em seu nome será exercido.»

O Poder Legislativo, atribuído aos congressistas, é um poder independente, exercido em nome do povo e não dos partidos políticos.

Negá-lo é negar a própria democracia, atentar contra os seus fundamentos. E isto só pode interessar ao pequeno e criminoso grupo fascista que hoje desgoverna o nosso país.

**DESRESPEITO À AUTONOMIA ESTADUAL** — O indelicado projeto Ivo d'Aquino é também uma intervenção des-

(Conclui na 2.ª pag.)



# OS ENSINAMENTOS DE 1848

N. DA R. — Em fevereiro do próximo ano comemorase o primeiro centenário do início das revoluções que levantaram em armas contra o absolutismo diversos povos europeus, desde a França até a Alemanha, a Rússia, a Áustria e a Hungria. Precisamente algumas semanas antes do início da Revolução de 48 apareceu o «Manifesto do Partido Comunista», cujo primeiro centenário também se comemorará em fevereiro.

A CLASSE OPERÁRIA inicia hoje a publicação de trechos de autores marxistas sobre a Revolução de 48 e o «Manifesto» de 1848. Transcrevemos a seguir um capítulo do livro de Efilmov e Freiberg — «História da Época do Capitalismo Industrial» (Editorial Vitória).



KARL MARX

O proletariado obteve grandes ensinamentos da revolução de 1848. Esta revolução demonstrou com particular intensidade não somente a incapacidade da

burguesia para resolver o problema nacional, para levar até o fim a revolução democrático-burguesa, mas também o papel contra-revolucionário que desempenhou a burguesia durante a revolução. Alarmada com o aparecimento do proletariado como força política independente, como futuro covetor da burguesia, se atira nos braços da reação e luta para chegar a um acordo com as forças do velho regime.

A revolução de 1848 demonstrou até que ponto é instável a burguesia urbana e camponesa. Foi esta revolução que pôs em discussão o problema da hegemonia do proletariado nas revoluções democrático-burguesa e socialista e o problema de seus aliados, os setores laboriosos das classes não proletárias.

«O problema das massas laboriosas da pequena burguesia do campo e da cidade e a conquista dessas massas para a causa do proletariado, é um dos mais importantes da revolução proletária. A quem prestarão seus apoios as massas trabalhadoras do campo e da cidade na luta pelo poder, a burguesia ou ao proletariado? Em reserva

de quem se converterão, da burguesia ou do proletariado? Desses fatores dependem o destino da revolução e a estabilidade da ditadura do proletariado. As revoluções de 48 e 71 na França fracassaram principalmente pelo fato de que as reservas camponesas estavam ao lado da burguesia. A revolução de outubro (x) triunfou porque pôde arrebatar à burguesia suas reservas camponesas e conquistá-las para o proletariado. Assim o proletariado se converteu nesta revolução na única força dirigente de milhões de homens das camadas laboriosas do campo e da cidade.» (Stalin.)

E finalmente a doutrina marxista-leninista da revolução per-

manente se bascia precisamente nos ensinamentos de 1848, doutrina da transformação da revolução democrático-burguesa em revolução socialista proletária. O partido Bolchevique, encabeçado pelo camarada Lenin, utilizou sabiamente as experiências da revolução de 1848 e a herança revolucionária de Marx e Engels. Utilizou toda esta bagagem ao aplicá-la às novas condições de luta revolucionária do proletariado na revolução democrático-burguesa que tem lugar na época imperialista, no país do proletariado mais concentrado que havia já organizado um partido revolucionário militante armado com a teoria revolucionária e forjado com uma disciplina férrea.

## INTENSIFIQUEMOS A AJUDA À IMPRENSA POPULAR

O grupo fascista e todos os inimigos do bem-estar de nosso povo e progresso de nossa pátria tentam, com seu ódio e suas violências, impedir que a imprensa popular e democrática continue a desmascará-los, denunciando seus crimes contra a Constituição, como esse monstruoso e inconstitucional projeto que visa cassar os mandatos dos representantes do povo no Parlamento.

Contra o grupo fascista o povo deve opor a barreira poderosa do seu apoio à imprensa popular, auxiliando financeiramente os seus jornais, principalmente a gloriosa «Tribuna Popular» que enfrenta neste momento o problema de sua reconstrução.

A imprensa popular foi construída pelo povo. Cabe ao povo, a todos os democratas, assegurar, por todos os meios, a circulação dos seus jornais.

Por isso torna-se necessário que cada democrata não só contribua financeiramente, como também amplie o movimento de ajuda à imprensa popular, tomando todas as iniciativas, dedicando-se realmente à tarefa patriótica de manter a sua trincheira contra os laços do imperialismo, contra Dutra e seu grupo, pela defesa dos direitos do povo, da sua representação no Parlamento, pela segurança da Democracia em nossa pátria.

A transformação da revolução democrático-burguesa numa revolução proletária no período de fevereiro a outubro de 1917, a triunfante edificação socialista dos nossos dias, são o resultado da única tática correta e consequentemente revolucionária dos bolchevistas nas revoluções russas de 1905 e 1917, que se apoiaram na experiência de Marx e Engels.

(x) de 1917, na Rússia.

Cidadãos! Trabalhadores! A todos vós, em nome dos comunistas do Brasil inteiro, dirijo este veemente apelo em defesa da Democracia e da Constituição. Unamo-nos todos para protestar — que a voz do povo se faça ouvir, que ninguém deixe de enviar, à Câmara dos Deputados, sua mensagem de protesto contra a cassação dos mandatos de legítimos representantes do povo!

(Luiz Carlos PRESTES)

## Ação de Massas

(Conclusão da 1.ª pag.)  
carada na vida dos Estados, cuja autonomia está assegurada pelo artigo 18 da Constituição Federal. Uma vez aprovada o monstruoso projeto do grupo fascista de Dutra, os representantes eleitos pelo Partido Comunista para as Assembléias Estaduais também perderão seu mandato. Quer dizer, através de uma resolução de traidores do povo, de reacionários e pró-fascistas da Câmara Federal e do Senado, as Assembléias Estaduais também ficarão mutiladas e praticamente desmoralizadas.

AMBICA À AUTONOMIA MUNICIPAL — Não só a autonomia dos Estados, mas também a dos municípios fica em perigo com o projeto de cassação de mandatos.

Os vereadores do Distrito Federal, eleitos pelo Partido Comunista, isto é, os componentes da bancada majoritária da Câmara da Capital da República, seriam igualmente atingidos pelo projeto imoral do sr. D'Aquino. Assim, o nazista Dutra e seus associações contariam mais um tento na sua luta odiosa contra a autonomia do Distrito Federal, que não pode ter prefeito eleito pelo povo, mas que possui uma Câmara «ELEITA PELO POVO», segundo o artigo 26 da Constituição.

Como se vê, o precedente é dos mais perigosos. Pelo projeto Ivo D'Aquino seriam cassados os mandatos dos representantes eleitos sob a legenda do Partido Comunista; mas a seguir o grupo fascista de Du-

tra-Alcio-Lira poderia eleitir contra os comunistas eleitos posteriormente, nos pleitos municipais, sob a legenda de qualquer partido. E quem pode garantir que, logo a seguir, sob a «acusação» de ser comunista, possa ser cassado o mandato de qualquer outro representante que seja apenas democrata?

PORQUE DEVEMOS LUTAR? Não podemos mais ter dúvidas sobre os verdadeiros objetivos da camarilha reacionária e fascista que hoje empolga o governo federal. Seu intuito declarado na luta contra os mandatos comunistas é liquidar a Constituição e a democracia e implantar a tirania mais sanguinária sobre o nosso povo entregando-o como escravo a seus amos imperialistas dos Estados Unidos.

O que acontece hoje em Alagoas nos diz bem dos desejos do grupo fascista de Dutra. A princípio contra os comunistas, o repelente «interventor» da oligarquia dos Gois em Alagoas investe agora furiosamente contra udenistas pessimistas, e contra o próprio Tribunal de Justiça daquele Estado, desde que não aplaudam suas loucuras e crimes.

E' contra isso que devemos organizar o povo e lutar, defender os mandatos, pois assim estaremos defendendo a Constituição e a democracia. Lutar com firmeza e decisão, em poderosas ações de massas, convencidos de que assim estaremos poupando a nossa Pátria de mais negros do que os atuais.





# Munich não se repetirá FALAM OS LIDERES DAS DEMOCRACIAS POPULARES DA EUROPA

N. da M. — Publicamos aqui quatro opiniões de líderes políticos europeus, que mostram a decisão das forças democráticas em resistir ao imperialismo e aos seus associados nos diversos países. As opiniões são de Klement Gottwald, J. Cyrankiewicz, G. Dimitrov e P. Groza, primeiros ministros, respectivamente, da Tchecoslováquia, Polónia, Bulgária e Rumania.

## FRONTE UNIDA DOS POVOS ESLAVOS

A OPINIÃO DE GOTTWALD  
Pergunta — A que se refere o seu artigo de 1.º de setembro sobre a situação da Europa? Qual a sua opinião sobre as forças estrangeiras e internas que provocaram a tragédia de "Munich"?  
Resposta — Munich foi o abandono da Tchecoslováquia e o comércio da Alemanha Hitler. Os governos reaciona-



DIMITROV

rios da Grã-Bretanha, com Chamberlain, e da França, com Daladier, foram os responsáveis por isso. Eles venderam a Tchecoslováquia a Hitler, esperando, assim, comprar para eles a paz com a Alemanha e canalizar a expansão nazista para Leste, contra a União Soviética. Esses representantes da reação internacional acharam seu aliado na reação tchecoslovaca, entre os portavozes dos grandes capitalistas e dos grandes proprietários nacionais.

Os reacionários tchecos, com medo de seu próprio povo, com medo da ajuda soviética, por consequência, e temendo pelos seus interesses de classe, traíram os interesses do Estado e da nação. Esta condenação das forças reacionárias estrangeiras e interiores conduziu a "Munich".

Pergunta — Ouvimos hoje se externar a opinião de que "Munich" está morta, mas que os "muniquistas" e a política de "Munich" continuam bem vivos. Qual a sua opinião?  
Resposta — Sim, é um grave fenómeno na atual política mundial, onde se descobre, cada vez mais nitidamente,



GROZA

KLEMENT GOTTWALD, CYRANKIEWICZ, DIMITROV E GROZA expressam a confiança dos seus povos na derrota de qualquer novo Hitler

argumento falacioso que ouvimos em 1933. Como, então, denominar tais pessoas de outro modo, senão como "muniquistas"?

Pergunta — Que é atualmente, a posição internacional de Tchecoslováquia e qual o seu programa para o futuro de sua política "muniquista"?  
Resposta — Hoje, a situação da Tchecoslováquia é fundamentalmente diversa da que era em 1933. A Tchecos-

1.ª pergunta — Em que é que a situação atual difere da situação da época de "Munich"? Qual é a correlação atual das forças muniquistas e anti-muniquistas?  
Resposta — Se se estabelecesse um confronto com a situação do ano de 1938, as diferenças são consideráveis. Em primeiro lugar, a hegemonia alemã no seio do bloco de forças capitalistas não existe mais. Hoje, são as potências do dólar que visam esta hegemonia. A sua presença é facilitada pelo fato de a Europa estar arruinada pela guerra e pela necessidade de ajuda. Da Alemanha a Europa não espera nenhuma ajuda.

Em segundo lugar, entretanto — e isso contrabalança o perigo ameaçado do outro lado o prestígio e o poderio da União Soviética aumentaram consideravelmente depois dessa época.

Simultaneamente, no Leste e sudeste europeus, triunfaram movimentos populares que tomaram firmemente o poder em suas mãos e o basearam na realização de reformas sociais, pondo-se, assim, em oposição às pressões do exterior.

Em terceiro lugar, a experiência do passado exige a união dos povos eslavos contra toda a tentativa de agressão alemã, ou mesmo contra qualquer outra agressão dos penteados.

E finalmente, em quarto lugar, através de toda a Europa e do mundo inteiro, viu-se subir poderosamente a onda de movimentos sociais progressistas de libertação social.

A força desses movimentos não se encontra em reação, como em 1938, mas cresce em poder e se desenvolve. As forças democráticas e progressistas em todo o mundo, as poderosas forças da esquerda em França e Itália, a existência dessas forças na Inglaterra e mesmo na Alemanha, as forças do progresso

esta aliança significaria traí-mentos a nós mesmos e a nossas ascendências, comprometer o futuro de nossos povos. Isso significaria preparar um novo Munich.

2.ª pergunta — Qual a posição da Polónia no combate entre as forças muniquistas e anti-muniquistas?  
Resposta: — A posição da Polónia neste assunto é clara. O interesse nacional polonês a define. Trata-se de nos defendermos contra o revisionismo e o imperialismo alemães, de marcharmos para a industrialização e a nacionalização da economia, para o bem-estar e a cultura das massas.

Para a Polónia é um interesse nacional não abandonar o sistema de democracia popular; e este interesse nacional da Polónia exige sempre que ela esteja no campo "anti-muniquista". E por isso sempre estiveram em oposição a

política de Beck. E por isso que elas sustentam tão ardentemente a política exterior atual de nosso governo popular. A Polónia acredita numa paz indivizível, no progresso social e na justiça social.

## A CORTINA DE FUMAÇA DO ANTI-COMUNISMO

Eis as respostas de George Dimitrov, premier da Bulgária.

Pergunta — Fala-se, hoje, numa política que poderia conduzir a novo Munich. Existente, no vosso parecer, tendências dessa natureza política? Em que consistem elas? Em que se assemelham e em que diferem elas da política muniquista de 1938?  
Resposta — A história não se repete do mesmo modo. O "Munich" de 1938 não pode ser reproduzido tal como foi. Portanto, existem períodos análogos. Tal é a situação internacional presente se a compararmos com a do ano de 1938.

Então, Chamberlain e Daladier esforçavam-se, em nome da Grã-Bretanha e da França, em abrir a Hitler as portas para uma agressão contra a U.R.S.S., permitindo a anexação da Austria e traíndo a República Tchecoslovaca. Hitler utilizou esta capitulação infame dos governos britânico e francês para começar uma guerra destinada a aniquilar a Polónia e a França, a subjugar uma série de outros Estados, a desferir rudes golpes contra a Grã-Bretanha e, finalmente, a atacar a U.R.S.S. A tração de Munich da qual aqueles chefes carregam a pesada responsabilidade, para afastar os obstáculos que se alinhavam antes da França e da Grã-Bretanha sobre a rota da guilota pelo imperialismo alemão para a guerra total, visando alcançar a hegemonia mundial.

Depois da derrota da Alemanha hitlerista, na qual a U.R.S.S. se exerceu vitorioso tiveram o maior mérito, uma nova guerra de agressão se prepara para a conquista da hegemonia do mundo.

Portanto, a diferença é que, à época de "Munich" a inclinação estava entre as mãos dos imperialistas alemães e, hoje, está em mãos dos norte-americanos. Então, foram os oficiais da Grã-Bretanha e da França que ajudaram Hitler. Hoje, os dirigentes as massas polonesas sempre estiveram em oposição a



CYRANKIEWICZ

Quando falamos na ação dos grupos imperialistas norte-americanos nos assuntos internos de outros povos, em proveito dos grandes negócios dos Estados Unidos, os nossos adversários dizem que estamos fazendo agitação.

# «Democracia» os Monopólios lanques

## OS GRANDES NEGÓCIOS CONTROLAM A POLÍTICA INTERNA E EXTERNA DE WASHINGTON



Quando falamos na ação dos grupos imperialistas norte-americanos nos assuntos internos de outros povos, em proveito dos grandes negócios dos Estados Unidos, os nossos adversários dizem que estamos fazendo agitação.

Nada melhor, portanto, do que os fatos, os nomes.

Hoje, mais do que em qualquer outra época, são os grandes negócios monopolistas norte-americanos que dirigem a política interna e externa dos Estados Unidos, orientando-a no sentido da intervenção em países economicamente pouco desenvolvidos, como acontece na América Latina, sobretudo agora, com a política agressiva de Truman e Marshall.

A ação dos grupos imperialistas lanques já se faz sentir, não apenas por simples sugestões aos senhores do Departamento de Estado de Washington. São os próprios chefes de grandes empresas que trabalham dentro da própria máquina de Estado norte-americana, controlando-a completamente. E o que vemos pelos exemplos aqui citados:

ALDRICH — Do poderoso truste do petróleo Standard Oil, exerce o cargo de assessor do governo Truman em diversos problemas importantes.

ARMOUR — Da conhecida firma imperialista que monopoliza a industrialização da carne no Brasil, Argentina e outros países latino-americanos. Exerce o cargo de sub-secretário de Estado do governo Truman.

BRADEN — Do poderoso truste de minérios. Ex-embaixador dos Estados Unidos na Argentina, onde tentou por todos os meios intervir na política do país, em favor dos interesses imperialistas americanos. Até há pouco foi sub-secretário de Estado em Washington.

BERLE — Advogado de poderosos monopólios lanques e interessado no truste de aço. Foi embaixador dos Estados Unidos no Brasil, intervindo na política do nosso país e influenciando decisivamente para o golpe anti-democrático com os generais fascistas a 29 de outubro de 46.

BYRNES — Pertence à direção do diversos dos maiores trustes americanos. Exerceu até pouco tempo o cargo de Secretário de Estado norte-americano realizando uma agressiva política anti-soviética.

BRUCE — Da National Dairy Products. Embaixador norte-americano.

CLAYTON — Chefe do famoso monopólio mundial do algodão que mantém sucursais em diversos países brasileiros, nos quais impõe o preço da nossa matéria prima, controlando-a virtualmente. Sub-secretário de Estado até poucos dias.

COLLYER — Do truste do petróleo Goodrich e, antes, da Dunlop. Presidente do Business Advisory Council, do Departa-

mento de Comércio de Washington.

GREY — Presidente da American President Lines. Primeiro embaixador dos Estados Unidos na Índia.

HARRISON — Do Conselho de Alimentação da American T. T. E' hoje encarregado da administração dos fundos de "ajuda" dos imperialistas americanos à Grécia fascista e à Turquia anti-democrática.

MESSERSMITH — Da firma SODEF (Sofina, Chade Cade). Embaixador dos Estados Unidos na Argentina até o fim da política anti-peronista do Departamento de Estado.

PATTERSON — Da empresa Atlas. Ex-embaixador na Jugoslávia.

ROCKEFELLER (Nelson) — Chefe de um dos mais gigantescos super-monopólios americanos. Coordenador de diversos negócios políticos dos Estados Unidos com outros países.

STETTINIUS — Da United State Steel Corp. Ex-secretário de Estado, representante do governo americano na ONU.

JAMES V. FORRESTAL — Chefe da firma bancária de Wall Street, "Hillon Reed". E' o atual Secretário (Ministro) da Defesa dos Estados Unidos.

W. AVERRELL HARRIMAN — Sócio da firma Brown Brothers. Harriman. Ocupa atualmente o cargo de Secretário de Comércio do governo Truman.

JOHN SNYDER — Grande banqueiro norte-americano com poderosa influência na Wall Street. E' o Secretário de Tesouro de Truman. Esteve recentemente no Brasil, mostrando bastante interesse pelo nosso petróleo e minas de ferro.

ROBERT LOVELL — Sócio da firma bancária Brown Brothers, Harriman. E' sub-secre-

ário do Estado.

CHARLES SALTZMAN — Ex-vice-presidente do New York Stock Exchange, brigadeiro-geral durante a guerra. E' atualmente secretário assistente encarregado dos territórios ocupados pelos Estados Unidos.

LEWIS DOUGLAS — Presidente do Mutual Life Insurance Co. E' o atual embaixador do Estados Unidos em Londres.

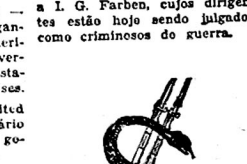
E' por intermédio desses senhores e de outros de igual calibre que o governo dos Estados Unidos trata a Grécia para salvar a democracia no mundo, de que é o melhor exemplo a ajuda Grécia monarca-fascista e à Turquia anti-democrática.

Não é de admirar que, com tantos ilustres representantes de Wall Street e do governo Truman-Marshall tenha o máximo interesse em ajudar a levantar economicamente a Alemanha, sobretudo os grandes trustes alemães de carvão, de aço, de eletricidade, etc.

Não devemos esquecer porém que as empresas a que pertencem esses mesmos senhores ajudaram ativamente a Hitler, foram responsáveis, no lado dos imperialistas ingleses e franceses, pela organização estatal do fascismo na Alemanha, através dos monopólios alemães, como a I. G. Farben, cujos dirigentes estão hoje sendo julgados como criminosos da guerra.

Dirijo-me especialmente ao povo carloca que me fez o senador mais votado da capital do país e, o conselho do dever cumprido, entregou-lhe a defesa de um mandato que lhe pertence e cuja parte significa o mais sério golpe até hoje perpetrado contra a Democracia e a Constituição em nosso terra.

(Luiz Carlos PRESTES)





# Falam Os Líderes

(Conclusão)  
res desses países estão dispostos a ajudar Truman.

A diferença está em que, no atual momento, os imperialistas americanos tomaram o lugar dos imperialistas alemães. O objetivo final, ainda hoje, é a organização de uma hegemonia mundial sobre todos os povos e a hegemonia de um só grande Estado.

O anti-comunismo foi a cortina de fumaça da agressão hitlerista, quando da marcha do imperialismo alemão para a dominação universal. Como se sabe, o anti-comunismo, no decorrer da segunda guerra mundial, entrou numa bancarrota catastrófica. O comunismo, não somente não pode ser aniquilado, mas se revelou, durante a guerra de libertação, uma força nacional notavelmente viva e alargou, de modo incrível, sua influência e sua importância. Ao mesmo tempo, seus covetelos enterraram-se a si mesmos. Mas, não obstante, os representantes do anti-comunismo ainda o empregam como uma tela de fumaça. É claro que eles não estão em condições de imaginar qualquer coisa nova que se distinga do "slogan" em bancarrota dos hitleristas.

A Organização das Nações Unidas e sua base fundamental — a unanimidade das grandes potências para encontrar soluções às questões da paz e da segurança internacional — é um obstáculo muito importante sobre o caminho dos pretendentes à hegemonia mundial. Disso surgem as tentativas dos imperialistas americanos, empregando seus satélites, para solapar as bases desta organização durante a presente reunião da ONU.

## MANUTENÇÃO DOS ACORDOS

Trechos de um discurso do premier da Rumania, P. Groza

O presidente do governo rumeno caracterizou, recentemente, a política de Munich como uma tentativa da reação mundial para derrubar, com a ajuda da Alemanha, o regime socialista da U.R.S.S. é assegurar durante um longo período o governo dos regimes capitalistas.

Isso não foi conseguido, declarou o Presidente do Conselho, ainda que, desta vez, apenas uma minoria de forças democráticas tenham compreendido a fatalidade deste combate e se apercebeu de que a derrota da União Soviética significaria a derrota de todas as forças democráticas, no mundo inteiro.

Hoje, a situação é completamente outra. A guerra mostrou a força gigantesca da União Soviética e provou que

sua política tende para a consolidação ou o restabelecimento da democracia em todos os países onde o fascismo tomou o poder ou se esforça por tomá-lo. A União Soviética combateu e combate pela legalidade do direito de todas as nações e pelo seu próprio direito de governar-se a si mesma.

As forças democráticas de todo o mundo viveram a dura experiência da guerra, e a maior parte delas tiraram disso uma lição e que é, justamente, a de que impedirão uma nova guerra mundial se elas se unirem na luta contra a guerra.

A reação deseja um novo Munich, mas a isso se opõem as forças democráticas. Para isso, porém, é necessário que todas as nações democráticas lutem, unidas, contra toda a tentativa de criação ou manutenção do antigo regime alemão, contra toda tentativa de modificação dos acordos e das convenções realizados pelas grandes potências durante e depois da guerra e nos quais foram formulados os princípios da reconstrução do mundo. A nova Rumania, destaca o presidente do Conselho, estará sempre ao lado daqueles que querem impedir a volta de um novo derramamento de sangue.

# UNAMO-MOS PARA RESISTIR

(Conclusão)

Está, portanto, nas mãos da Câmara dos Deputados a decisão de que dependerá a sorte da Democracia em nossa terra.

Contudo, mais do que nas mãos da Câmara, está nas próprias mãos do povo a defesa da democracia, que tão duramente conquistamos. Prestes bem o disse em seu manifesto de 1 do corrente: "Cabe ao povo exigir de seus representantes na Câmara Federal, aqueles a quem deram os seus votos nas eleições de 2 de dezembro de 1945, quaisquer que sejam os seus partidos, que cumpram o seu dever, defendam a Constituição e salvem a própria dignidade do Parlamento rechassando o projeto de lei com que se pretende dar forma legal à cassação dos mandatos de legítimos representantes do povo."

Cabe portanto a todos nós, comunistas ou não, enviar os esforços, sem medir sacrifícios, para que a organização e a mobilização das massas sejam uma força poderosa e decisiva na batalha que ora travamos com os inimigos da liberdade. Que se organizem por toda a parte, do sul ao norte do Brasil, comissões de bairros, de fábricas, de locais de trabalho, que se realizem comícios e passeatas, atos públicos, enfim, poderosas manifestações de

# RESPOSTA à sua pergunta

## Dois Políticas Em Relação à Alemanha

P. — "E quanto à Alemanha? Não será mais abandonada, com a desculpa de desnazificação? Por que a URSS não se pronuncia contra a ocupação e não desnascera na ONU as claras intenções guerreiras dos imperialistas, que querem permanecer eternamente no solo teuto, em vez de entregar a Alemanha ao povo alemão?" (as.) L. S. G. F. — Distrito Federal.

R. — O problema da Alemanha nada tem de complexo e intrincado, como se quer fazer crer. É bastante simples, ten-

do sido previstas todas as suas soluções nos tratados entre a União Soviética, Inglaterra e Estados Unidos, durante a guerra. Esses tratados é que estão sendo desrespeitados hoje pelos imperialistas americanos e ingleses, que têm como principal objetivo fazer ressurgir as bases do imperialismo alemão, alimentando os restos do nazismo e todas as forças reacionárias da Alemanha ocidental. Não existe desculpa de desnazificação.

## NOVOS ASSINANTES EM LONDRINA

Um amigo d'A CLASSE OPERÁRIA em Londrina, no Paraná, José Guilherme Dias, prosseguindo na campanha para aumentar o número de assinantes do nosso jornal, acaba de acrescentar à sua valiosa contribuição 15 novos assinantes d'A CLASSE naquele município paranaense.

O que existe, de um lado, por parte da URSS, é o cumprimento dos acordos da guerra para realmente eliminar os restos do fascismo da Alemanha, e, do outro, o estímulo desparado às forças sobreviventes da destruição militar do nazismo, por parte dos imperialistas americanos, ingleses e franceses.

O caso da região alemã do Ruhr é típico. O acordo de Potsdam prevê o completo desarmamento da Alemanha e a redução de suas indústrias às necessidades estritas do consumo civil do povo alemão. Que fazem entretanto os negociatas norte-americanos, com o apoio dos ingleses e franceses? Tratam de reerguer o principal parque industrial alemão, o Ruhr, o que significa dar novas forças aos magnatas da indústria alemã que sustentaram Hitler e o nazismo.

Contra essa manobra dos imperialistas, que visam com isto armar novamente a Alemanha para uma guerra contra a URSS e as democracias populares da Europa, já se levantou firmemente e protesta da União Soviética, apoiado pelos povos democráticos, visando a salvaguarda da paz e da democracia. O discurso do chefe da delegação soviética, Vishinsky, ao iniciar-se a atual sessão geral da ONU, foi uma denúncia enérgica da política agressiva do imperialismo no mundo, e particularmente na Europa, cuja vida econômica e política os monopólios ianques procuram dominar através do chamado Plano Marshall.

A política dos grupos imperialistas em relação ao Ruhr, contraposta à política da URSS, serve perfeitamente para desnascera os fazedores de guerra e para mostrar que são os comunistas e democratas os que lutam conscientemente pela paz firmada.

massa contra a ditadura e o grupo fascista.

Para que tal objetivo seja alcançado cumpre não esquecer que devemos ligar nossa luta, sempre, às reivindicações mínimas do povo, às mais imediatas.

É claro que os provocadores e os servos dos inimigos de nossa pátria tentarão impedir que o povo manifeste publicamente sua vontade: cabe-nos, como patriotas, dar-lhes a merecida resposta, garantindo por todos os meios ao nosso alcance, o direito de reunião assegurado pela Constituição de 46.

Se assim fizermos, se soubermos forjar a união sólida de todos os democratas em defesa da Democracia ameaçada, se soubermos organizar o proletariado e o povo para lutar contra a reação, então a reação será mais uma vez derrotada.

Unamo-nos para resistir, porque unidos e organizados venceremos. Estas palavras finalizam o manifesto de Prestes. E sintetizam, realmente, todo um programa de ação para todos os democratas neste grande momento que atravessamos.

Unamo-nos, portanto, homens e mulheres de todos os partidos, para resistir aos inimigos do povo, porque unidos e organizados conquistaremos mais uma vitória para a democracia em nossa terra.

# O POVO PAULISTA RESISTE AO TERRORISMO DE DUTRA

Os trabalhadores da «Standard Electric», cerca de quinhentos operários, deram um bom exemplo de resistência à ditadura terrorista do sr. Dutra que já se reflete na própria mesa da Câmara do Distrito Federal que numa atitude capitulacionista proibiu a realização de uma concentração operária nas escadarias do Palácio Tiradentes. Em face de tal atitude reacionária, que fere a Constituição de 46; os trabalhadores da «Standard Electric», em sinal de protesto, declararam-se em greve durante meia hora, tendo participado do movimento dos operários das Secções Ferramental, Miscelânea, Ferradeiras e Fresas e Tornos e Pressas.

Em S. Paulo, outro grande exemplo de resistência democrática foi dado pelo povo da capital, no bairro da Lapa. O vereador Benedito Jofre, candidato de Prestes, solicitara autorização da Delegacia de Ordem Política para realizar um comício no largo da Lapa, no dia 21 do corrente. Antes, porém, da hora marcada para o início do «meeting», os policiais do traidor Adhemar já haviam interditado o largo.

Isto não impediu a realização do comício, pois o povo, decidido a defender o seu direito de reunião, armou um parlance nas proximidades.

O policiamento foi reforçado, transformando o local em verdadeira praça de guerra: oito viaturas da Ordem Política e Social, doze caminhões de policiais da Força Pública, vinte e dois cavalários e numerosos «jeeps» foram ali colocados ameaçadoramente.

O povo, porém, não se afastou nem se atemorizou com tanto aparato bélico. E ali permaneceu até a chegada dos deputados estaduais da bancada

**Oito viaturas da Ordem Política, doze caminhões da Força Pública, 22 cavalários e numerosos «jeeps» não conseguiram dissolver um comício no bairro da Lapa em S. Paulo — Falaram ao povo vários deputados comunistas — No Rio, declaram-se em greve de protesto 500 trabalhadores da «Standard Elétrica» em virtude da proibição da concentração operária em frente à Câmara — Dois grandes exemplos de resistência ao terrorismo de Dutra.**

comunista, Caio Prado Jr., Celestino dos Santos, João Taibo Cadorniga, Roque Trevisan e Sanches Segura, acompanhados do vereador do PST, Adroaldo Barbosa Lima.

Falou inicialmente o deputado Celestino dos Santos, que proclamava o direito de reunião quando um policial tentou cassar-lhe a palavra. O deputado comunista respondeu ao atrevido policial que o povo lhe delegara poderes que só o próprio povo podia cassar. Em sinal de apoio, toda a massa presente repetia o nome de Prestes ritmadamente.

Nessa ocasião, não conseguindo impedir que Celestino dos Santos falasse, o policial ordenou a dissolução do comício. Os cavalários, investiram contra o povo indefeso, espalheando numerosas pessoas. Mas o povo resistiu, dando vivas à Democracia e segurando os policiais a fim de impedir o espantamento covarde.

Sobre uma mesa, pois a polícia havia destruído o parlance, o deputado Sanches Segura continuou falando ao povo, protestando contra o vandalismo que se praticava, enquanto a

massa continuava a viver a Democracia e o seu líder querido, Luiz Carlos Prestes.

Bombas de gás lacrimogêneo foram então atiradas sobre o povo, mas inutilmente, pois ninguém deixava o local do «meeting», que prosseguia vitoriosamente, o povo ao lado dos seus deputados. Crescia mais o nú-

mero de populares, moradores das casas ali localizadas saíam às janelas, aplaudindo os oradores.

Resolvido o encerramento do comício pelos próprios deputados, uma vez que o mesmo já tinha sido uma vitória do povo sobre a brutalidade da reação, a massa ainda permaneceu no local durante várias horas, rodeada pelos policiais imponentes do sr. Adhemar.

Foi um grande exemplo de resistência democrática. O povo demonstrou claramente que está disposto a resistir aos inimigos de nossa pátria, na defesa dos mandatos de seus representantes, da democracia, da Constituição, sejam quais forem os meios que os laços do imperialismo e instrumentos de Dutra utilizem para tentar esmagar a Democracia.

## Rumo ao Socialismo

(Conclusão)

gura aos proprietários — desde que não sejam alemães ou colaboracionistas dos alemães — uma indenização que deve ser igual ao valor real da empresa e que será substancialmente liquidada com os instrumentos das empresas nacionalizadas e com a renda da propriedade confiscada.

### UM PLANO BIENAL

As leis sobre nacionalização tiveram a sua sequência natural na lei sobre o plano econômico bienal, que foi unanimemente aprovado pelo governo e promulgado em outubro de 1946. Essa lei estabelece a planificação e o desenvolvimento da indústria e da agricultura, dos transportes e das construções para os anos de 1947 e 1948.

Segundo esse plano, nos fins de 1945 a produção industrial deve superar em 100% a de antes da guerra; a extração do carvão mineral em 24%; a produção de energia elétrica em 75%; a produção de varões em 10 vezes; a produção de locomotivas em 4 vezes e a de caminhões em 3 vezes. A produção de ferro e aço deve alcançar o nível de antes da guerra. O plano prevê um rápido processo de industrialização de toda a região da Estuária cuja economia foi até agora quase exclusivamente agrícola.

A realização do plano se desenvolve bem, porque os setores das indústrias química, elétrica, siderúrgica, mecânica, têxtil, de couro, de borracha e madeira superaram — no primeiro trimestre de 1947 — as previsões estabelecidas pelo plano. O único setor da indústria que permaneceu abaixo

dos planos previstos é o da alimentação que, entre outras coisas, tem uma baixa porcentagem de empresas nacionalizadas.

### DEFINIÇÃO DE POSIÇÕES

Os êxitos obtidos são grandes; todavia não reforçaram a unanimidade inicial dos setores políticos. Diante das dificuldades da realização, em face da pressão das nacionalizações atingidos pelos elementos abertamente opostos ao desenvolvimento da situação internacional, certos partidos, e em particular o democrata-cristão, vacilam e mesmo não usando oposição abertamente aos princípios da nacionalização — antepõem-lhe obstáculos e tentam frear o impulso do povo. A sua crítica se baseia em certas dificuldades decorrentes da guerra e da novidade da experiência, mas não contém qualquer fato sério que possa negar o sucesso da iniciativa. Entretanto, chegou-se a uma única definição de posições: da democracia-cristã e também do Partido Socialista Nacional, de Benes, contrária a qualquer nova extensão das nacionalizações.

As oposições e dificuldades são porém superadas pelo impulso dos trabalhadores, que permaneceram unidos. Substancialmente dirigido pelo Partido Comunista, que fez com o Partido Social-democrata um pacto de unidade de ação, e pelos sindicatos unitários, os trabalhadores checoslovacos trabalham firmemente, com entusiasmo, olhando confiantes para a meta que já decidiram alcançar numa sociedade socialista realizada pacificamente e livremente através da democracia progressiva.



ADHEMAR, TRAIADOR DO POVO PAULISTA

Não é possível admitir que prossiga a marcha da reação. É urgente paralisar o braço da tirania para impedir-lhe que continue a rasgar a Constituição. É urgente principalmente, no ponto a que já chegamos, defender o Poder Legislativo, a Câmara de Vereadores do Distrito Federal, impedir enfim a mutilação dessas Assembleias de representantes do povo, defendendo contra as manobras indecorosas da reação, os mandatos dos representantes comunistas. LUIZ CARLOS PRESTES).

### LEIAM

«A CLASSE OPERÁRIA»

# UNAMO-NOS PARA RESISTIR PORQUE UNIDOS E ORGANIZADOS VENCEREMOS!



Organizemos e mobilizemos o povo para a defesa dos mandatos dos representantes comunistas — Que surjam por toda a parte comissões de bairro, de fábricas, de locais de trabalho — Que se realizem comícios, passeatas, atos públicos de protesto — Respondamos ao apelo de Prestes com a organização e mobilização das massas em defesa dos mandatos ameaçados

Em seu manifesto ao povo brasileiro, publicado na CLASSE OPERÁRIA de 18 do corrente, Prestes mostrou claramente a situação decisiva em que nos encontramos no combate que ora se trava em nossa pátria entre os inimigos do povo — os reacionários e fascistas lacaios do capital estrangeiro — e os verdadeiros patriotas e democratas.

O ponto mais alto desse combate é a ameaça que paira sobre os mandatos dos parlamentares comunistas, representa-

tes legítimos de mais de meio milhão de brasileiros que, em eleições livres, proclamaram serem os comunistas dignos de sua confiança, elegendo-os para o Parlamento Nacional.

Foi, portanto, por vontade do povo que os deputados, vereadores e o senador comunistas ocuparam o seu lugar no Congresso Nacional, nas Assembleias Estaduais, na Câmara do Distrito Federal.

Tentar expulsá-los de seus legítimos postos é pisotear sobre a vontade do povo, clara

e inofensivamente manifestada.

Não é por acaso que Dutra e sua camarilha tentam menosprezar a vontade popular, buscando arrancar do Parlamento os representantes comunistas.

Como disse Prestes em seu manifesto, «para o sr. Dutra e seus asseclas constituem os representantes comunistas, por serem os que melhor cumprem os seus deveres, os seus compromissos com o povo, o primeiro e o principal obstáculo a vencer no caminho a que lançaram da reação e da tráfina. Como nos tempos de Hi-

ter e Mussolini é agora também o anti-comunismo sistemático o distorce com que a reação luta contra a Democracia e de que se serve para dividir as forças populares progressistas, a fim de vendê-las por partes e conseguir submeter a Nação à mais violenta e cínica exploração imperialista».

O que os reacionários e fascistas visam, cassando os mandatos comunistas hoje, é ficarem de mãos livres para cometerem novos crimes contra o povo sem que parlamentares fieis ao povo desmascarem e denunciem esses crimes. Querem afastar os representantes comunistas para que estes não continuem a levantar da tribuna parlamentar os problemas que afligem as grandes massas e que o governo do sr. Dutra, inepto, absolutamente incapaz, não pode resolver, empurrando-nos para a mais negra miséria.

Sabem os nossos inimigos que ainda que consigam o seu objetivo, mesmo que a Câmara dos Deputados renuncie à sua dignidade e queira se transformar numa Casa repudiada pelo povo, o que não acreditamos, mesmo assim, não alcançará o grupo fascista os seus objetivos, pois os comunistas, dentro ou fora do Parlamento, continuarão, como sempre o fizeram, a lutar decididamente pela democracia, pela solução dos problemas nacionais, pelo bem estar de nosso povo.

(Conclui na 6.ª pag.)

## A CLASSE OPERÁRIA

ANO II

Revista de novembro de 25 de novembro de 1947

N.º 100

### Rumo Ao Socialismo, Através Da Democracia Progressiva

As leis checoslovacas sobre a nacionalização são originárias de uma situação intrinsecamente específica a esse país. Aos meios tradicionais e universalmente reconhecidos que afligem a economia capitalista, no lado das consequências da guerra, juntava-se um terceiro e importante fator — a quase total sujeição da economia checoslovaca ao capital alemão. Velho mal, este, herdado do império austro-húngaro, que a jovem República democrática da Checoslováquia tinha sanado quase completamente no seu primeiro e glorioso período de vida, mas que havia recrudescido na época infame do «protetorado» nazista. Calcula-se, a propósito, que o controle e a direção do capital alemão se estendia, durante esse período, a todos os bancos e a 75% da produção industrial. Era natural, em tais condições, que a política de nacionalização fosse apoiada por todos os partidos democráticos — desde o Comunista ao Democrata-cristão — e que entrasse rapidamente em

fase de realização.

Os decretos fundamentais sobre a nacionalização trazem, de fato, a data de 24 de outubro de 1945 e foram aprovados unanimemente pelos partidos que formaram o governo de União Nacional. Tais decretos dizem respeito às minas, às empresas industriais, aos bancos e às companhias de seguro.

DIFERENTE DA FRANÇA

Diversamente do que aconteceu na França, onde foram nacionalizadas separadamente algumas grandes empresas industriais, a nacionalização na Checoslováquia foi feita por setores de indústrias. Os decretos citados estabelecem a nacionalização total das sociedades anônimas que efetuam operações bancárias e de financiamento, todas as companhias de seguros particulares, as minas e a indústria elétrica. A indústria metalúrgica, entretanto, foi nacionalizada em 80%; a química em 74%; a indústria

textil em cerca de 46%, em cerca de 39% a indústria de alimentação e 10% para a indústria leve.

70% DA PRODUÇÃO NACIONALIZADA

O critério seguido para a escolha de certas empresas a serem nacionalizadas parcialmente foi variado, mas se baseou, em síntese, no desejo de assegurar a possibilidade de existência à indústria média e à pequena propriedade e também seu desenvolvimento. Evidente que em todos os casos as empresas dirigidas pelos alemães e pelos seus colaboradores foram confiscadas e nacionalizadas. Calcula-se, enfim, que a nacionalização na Checoslováquia é atualmente de cerca de 70% de toda a produção nacional.

Através da nacionalização, o Estado se torna proprietário de todos os bens e de todos os direitos das empresas, mas asse-

(Conclui na 7.ª pag.)

É organizado, no entanto, que melhor poderá lutar o povo contra a reação. Organizai-vos, trabalhadores, em vossos locais de trabalho, nas fábricas e nas usinas, organizai-vos, trabalhadores em repartições, nas escolas, organizai-vos todos, homens e mulheres, jovens e velhos, independentemente de quaisquer diferenças de classe, de crenças religiosas, organizai-vos nos bairros, nas cidades e povoados, para todos juntos protestar contra a reação e lutar em defesa da Constituição.

(Luiz Carlos PRESTES)